



*Fé*  
Por Paula Janaina, 2024

# O ato de compartilhar sonhos no candomblé: a relação de cuidado entre as mães e suas filhas de santo, inseridas no contexto periférico

*por Danielle da Silva Braga<sup>1</sup>*

No contexto de uma comunidade de terreiro, compartilhar sonhos, transmiti-los a uma mãe de santo ou a outrem, não é considerado um evento qualquer, é feito em particular, e não é nunca banalizado, são vistos como um evento comunicativo compartilhado em momentos propícios e com ouvintes selecionados (LEITE, 2008). A oralidade, então, se torna uma marca significativa para a tradição religiosa (SILVA, 2016), mesmo tendo muitos mitos revelados, escritos e contados, inclusive nos meios de comunicação em massa, como redes sociais, por exemplo.

Com base nos sonhos compartilhados, a mãe de Santo, como receptora e detentora de conhecimento dos significados, e também tendo trabalhado em si o que considera ser um dom, podia chamar a quem lhe compartilhou os sonhos a uma conversa, muitas vezes sem interpretar os sonhos em detalhes, guardando o segredo, mas sinalizando o que deveria ser feito a partir do sonho.

Acredita-se que os sonhos narrados no candomblé podem ser entendidos como um sinal de intimidade, de quem sonha com suas sacerdotisas de referência no Axé, e esta relação é atravessada pela partilha, só assim é possível construir uma ação material fruto da mensagem trazida nos sonhos. Tal troca fundamenta e dá sentido para as sonhadoras neste diálogo com a sua mediunidade, seu místico, entidades e seu Vodun.

A importância dos sonhos narrados por mulheres negras, dá-se pelo fato do candomblé ser fortemente marcado pela matrifocalidade. Vale pontuar que o candomblé é mantido por graus e cargos diferentes em sua hierarquia e a dimensão de grupo faz com que todos os papéis sejam importantes para sua organização. Desse modo, não é uma religião exclusiva das mulheres, nem somente exercida por elas. Contudo, as mulheres têm papel fundamental para a manutenção dos saberes ancestrais e carregam em si o elemento fundamental para a religião que é a experiência imaterial do cuidar.

<sup>1</sup> Danielle é Psicóloga, Mãe, descendente de nordestinos de Jurema - PE, residente e resistindo nas periferias da Zona Sul de São Paulo, moradora da periferia de Itapecerica da Serra - São Paulo, filha da Vodum Nanã, nascida nas águas de Jeje no Hunkpame Avejida Dan Oyá, filha de Doné Neide de Oyá.

A dimensão do cuidado deve ser trabalhada não como uma função materna romantizada ou como forma de reforçar uma distinção binária entre patriarcado e matriarcado (FERREIRA, 2016), construída geralmente pelas pesquisas de acadêmicas racialmente brancas (LANDER, 2002), mas como elemento que compõe a organização da estrutura da religião (BERNARDO, 2005).

O debate sobre os sonhos está inserido nas pesquisas interdisciplinares da nova *antropologia onírica* descrita nas pesquisas de Leite (2008), Araújo F. (2002) e Araújo L. (2016). Os sonhos em sua estrutura psicanalítica também são descritos como forma de diferenciar a tradução simbólica que é resgatada através do imaginário cultural afro-brasileiro. Portanto, os símbolos narrados e interpretados são entendidos aqui como distintos do inconsciente sugerido por Freud (1996) ou inconsciente pessoal e coletivo, definido por Carl Gustav Jung (2021). E assim estariam mais próximos de um arcabouço social e simbólico sobre o inconsciente descrito por Izildinha Nogueira (2021) o qual é marcado por uma ideia radical de que “o corpo não é uma coisa, mas manifestação de um mundo e alguém. É signo e rosto” (NOGUEIRA, 2021), atestado por José Moura G. Filho no posfácio do livro *A cor do Inconsciente* (2021) de Izildinha Nogueira. Neste sentido, trata-se de um Inconsciente Cultural que é atravessado pela experiência social e política da pessoa negra no Brasil, afirma Araújo (2002).

A marcação da condição cultural e social da raça e do gênero se dá pela qualidade atribuída ao material onírico, em que a sonhadora é atravessada pelas relações sociorraciais em diversos contextos. Bem como, a aproximação com o sagrado, que de modo algum a separa do meio social, pelo contrário, busca-se na religião fortalecimentos para a integração do sagrado ao cotidiano social que atravessa o *corpus* político.

Os sonhos têm um lugar ainda de segredo, em relação a suas interpretações. Mesmo que em algumas pesquisas seja possível identificar algumas categorias oníricas, ainda é resguardado os segredos das mães e das pessoas mais velhas. Contudo pude perceber o quão era importante esta relação com todos os demais filhos de minha mãe de santo. Com base nos sonhos ela nos acalmava, ou pedia para irmos conversar com ela, mas não interpretava os sonhos em detalhes, guardava o segredo, apenas dizia quando era para ficar tudo bem, se estávamos angustiados e buscava uma forma de nos consolar e fortalecer, dando a ideia de que a mensagem atribuída aos sonhos era por ela interpretada usando outras fontes de um saber que não o analítico/psicanalítico, mas um conhecimento voltado para símbolos específicos.

Luiz Leite (2008; 2013) em sua pesquisa intitulada *Sonhos no Candomblé*, apresentou referências teórico-metodológicas baseadas na chamada Antropologia Onírica, que compreende o estudo dos sonhos como uma ferramenta para entender o sonhador inserido no seu contexto cultural social, baseado por multifacetados interesses na pesquisa dos sonhos. Este “termo foi cunhado por Barbara Tedlock no artigo intitulado: *The New Anthropology of Dreaming*, publicado no segundo número do *Dreaming: journal of association for study of dreams*, em 1991” (LEITE, 2013). Para Luiz Leite (2008), Tedlock percebe o fenômeno onírico em uma “visada que inclui simultaneamente o indivíduo e a cultura, não separados ou em relação, mas agindo conjunta e simultaneamente na elaboração, relato e interpretação do

sonho” (ARAÚJO, 2002: 40, citado por LEITE, 2008). Dá-se atenção ao próprio contexto em que o compartilhamento do sonho ocorre, ao sistema interpretativo da cultura em questão e à experiência onírica do indivíduo inserido em uma específica dimensão cultural. (LEITE, 2008).

O Candomblé é entendido como uma religião brasileira de matriz africana. As divindades, entidades e ancestrais dos povos africanos se distinguem em diferentes níveis ritualísticos, sociais e de gênero nos terreiros brasileiros (BONINE, 2020, citado por BARROS, A.A.M.; AZEVEDO, V. A. M. 2021). O Candomblé é uma religião que se dá por meio da iniciação, é, portanto, iniciática (LEITE, 2008). Os conhecimentos são passados através do tempo e de crescimento hierárquico. Os segredos são considerados importantes para este processo (BARROS, A.A.M.; AZEVEDO, V. A. M. 2021).

A Mãe de Santo é a líder religiosa que detêm os saberes para cuidar dos Santos dos seus filhos, e para isso possuem uma relação íntima de cuidado com os mesmos para que o Vodum seja algo positivo e na visão da religião, traga “caminhos abertos”, acreditando assim, que o filho que carrega o Santo e dele cuida, possa viver sua vida com mais plenitude. É relevante observar as mães de Santo e tantas mulheres que refletem nos relatos dos seus sonhos, a sua ancestralidade, a relação com a mediunidade, preocupações com seus filhos, com a condição social e as relações íntimas de afeto estabelecidas no contexto de terreiro. Estes traços atravessam sua existência, que resiste sendo fonte de cuidado e que abriga os sonhos em um espaço de acolhimento.

O sonho faz parte do sistema religioso do candomblé e Luis Leite (2008) em sua pesquisa descreveu o processo que liga o sujeito que cultua o candomblé e a forma que este é atravessado pelos sonhos, desde sua aproximação, aceitação no *corpus* de devotos, identificação como iniciado e membro atuante de um *egbé* (LEITE, 2008). Ele afirma que os sonhos podem estar presentes apontando caminhos a seguir, clareando dúvidas, prevendo acontecimentos, revelando aspectos de sua natureza, revelando necessidades espirituais do indivíduo ou da casa em questão (LEITE, 2008).

O candomblé, desde o seu surgimento, é uma religião que resiste sob a premissa da marginalidade de seus territórios (SILVA, 2016), pela clandestinidade de seus cultos e pela matriarcalidade como maneira de existir frente à violência do período escravocrata brasileiro. Vagner Gonçalves da Silva (2017) fala de uma posição ambígua que o candomblé, assim como outras religiões de matrizes africanas, assumem na vida pública e privada de classes sociais e grupos étnico-raciais no Brasil. Isto é, apesar de reprimido como religião, “os terreiros não deixaram de ser elementos fundamentais na constituição de uma sociabilidade negra e mestiça que se estendeu para toda a sociedade nacional” (SILVA, 2017; p. 85).

Se propõe, assim, evidenciar os territórios periféricos da cidade, cuja população é majoritariamente negra, como elementos importantes da análise dos sentidos dos sonhos no candomblé. Evoco uma memória de um exemplo de sonho popular, dito premonitório, onde mães têm sonhos com seus filhos sobre situações de perigo. Será que este tipo de sonho muitas

vezes não é produzido por uma forte associação aos receios sociais, medos sobre a violência urbana, o desemprego ou crises sociais urbanas? Sendo assim, o que uma mulher negra periférica narraria de material onírico?

Leite cita Marcel Mauss em sua concepção clássica de que o ‘fato social total’ participa de dimensões diversas e complementares da sociedade, estando neles presentes, ao mesmo tempo, e de uma só vez, todo o espectro social, religioso, jurídico, moral, econômico, estético, morfológico (ARAÚJO, 2002, p. 68, citado por Leite, 2008). Desse modo, os sonhos participam e remetem a todo o espectro social, cultural, religioso, econômico, etc.; e a partir deles pode-se ir ao encontro do sistema metafísico e simbólico da religião, das suas concepções cosmológicas e teológicas (LEITE, 2013).

Cabe aqui pontuar a diferença que Araújo (2002) faz entre o inconsciente cultural e o pessoal:

A concepção de uma instância inconsciente puramente pessoal, deriva de desejos não satisfeitos, fruto de mecanismos psicológicos de repressão e recalque, não se mostra adequada para explicar determinadas modalidades de fenômenos- como o sonho e o transe religioso - que fazem parte de um terreno intermediário, híbrido.

Para embasar a importância de olhar para a relação do sonho cultural, Araújo (2002) traz um exemplo ao diferenciar do inconsciente pessoal do inconsciente cultural:

Essa noção de inconsciente pessoal é inoperante para explicar, por exemplo, o processo de interpretação que uma *yalorixá* (mãe de santo) faz de um sonho que lhe é relatado por um filho-de-santo. Nessa interpretação, uma imagem onírica (como a imagem de um cachorro, por exemplo) é associada a outros símbolos de contexto cultural afro-brasileiro (onde o cachorro tem relação específica com os orixás Ogum e Obaluaye, está envolto em uma série de prescrições rituais e faz parte de um conjunto de fragmentos míticos).

Ou seja, os sonhos carregados de símbolos não podem ser transportados para uma universalidade, puramente subjetiva, esvaziada de sentido, ou lidos a partir de interpretações mitológicas eurocêntricas, distantes da articulação cosmológica pertencente de um espaço particular como é o candomblé.

Partindo da concepção de inconsciente puramente subjetivo, a imagem estaria associada apenas ao mundo intrapsíquico do sonhador e a seus desejos pessoais, esvaziando a bacia simbólica onde o símbolo do cachorro se articula na cultura afro-brasileira. Estaria sendo deixado de lado o vínculo entre o estado subjetivo do sonhador – que o levou a ter esse sonho específico – e o lugar que ocupa no contexto cultural em que vive e se expressa (ARAÚJO, 2002).

Outro ponto é que as concepções a respeito da vigília devem se pautar às questões sociais. De acordo com Araújo (2002), citando Samuels:

Afirmações recentes como: “toda concepção do inconsciente ou da psique que omite referir-se às instituições sociais e processos políticos será inadequada. O indivíduo se desenvolve no terreno das relações sociais e políticas, e portanto há um nível político do inconsciente” (Samuels, 1995:78)

Então quais são os sentidos e relações simbólicas atribuídos que atravessam os sonhos produzidos e compartilhados por uma sonhadora inserida em um contexto cultural, social e político específico? Quais seus medos e anseios que lhe provocam o impulso e a necessidade de buscar por cuidados? O que seus Voduns, entidades e ancestrais cultuados lhe dizem como forma de mostrar mensagens para ela dar seguimento a seus caminhos?

Torna-se desafiador realizar essa associação a estas questões, ao passo que se cruzam dados como espaço, território, sujeitos étnicos e racializados, gênero, atravessamentos políticos e o material a ser coletado, no caso os sonhos. Com efeito, podemos supor que a formação dos sonhos é também um diálogo com o meio e as encruzilhadas da qual a sonhadora faz parte. Compartilhar o sonho é a narrativa necessária para chegar a essas encruzilhadas.

O sonho como ferramenta para entender a relação do indivíduo, trata-se de um acontecimento que pode ser cientificamente interpretado, desde que esteja articulado a um fora do sonho, a vida em vigília, que lhe serve como pano de fundo existencial (ZARIAS, 2018).

Alexandre Zarias (2018) faz referência a Lahire sobre seu livro *L'interprétation sociologique des rêves* (A interpretação sociológica dos sonhos, ainda sem tradução para o português ou espanhol), em que busca uma maneira de interpretar o sonho no campo da sociologia, em que Lahire se indaga: qual é a função do sonho?

De acordo com Lahire, reivindicar ao sonho uma função única não abre caminhos para sua compreensão. Tal como a linguagem, o sonho presta-se a múltiplas formas expressivas do potencial humano de simbolizar o mundo (ZARIAS, 2018).

O potencial do sonho de poder simbolizar o mundo destaca-se como uma característica importante, pois se dá através de uma profunda relação do sujeito com o meio em que ele está inserido. O símbolo aqui pode ser interpretado de diferentes formas e com diversas fontes de saber. Segundo o mesmo autor:

A atividade onírica faz parte de um continuum que tem como elementos as incessantes atividades de representação e expressão de nosso cérebro. Para compreender esse fenômeno, conseqüentemente, é melhor perguntar por que sonhamos isso e não aquilo, e de que maneira o fazemos, o que leva o autor a propor uma fórmula geral de interpretação que compreende três dimensões: o passado incorporado do sonhador, as circunstâncias recentes de sua vida e o quadro de sono no qual o sonho acontece (ZARIAS, 2018).

Nesse sentido a interpretação dos sonhos analisada pelo ângulo dessas três dimensões necessita de um continente para ser acolhido. Uma pessoa não abre seus segredos para qualquer pessoa. E dentro de uma relação de cuidado, o sonho pode ser um facilitador para o fortalecimento do vínculo.

Para interpretar um sonho é necessário tomar conhecimento de um corpus mítico e simbólico da religião, conhecer o cotidiano de uma casa de santo, conhecer a liturgia, o orô, a natureza dos orixás e, às vezes, o contexto do sonhador, o que está ocorrendo com ele no momento atual de sua vida (LEITE,2013).

E, nesse sentido, o afeto, então, é fundamental para a codificação necessária da mensagem cosmológica e simbólica. O ato de compartilhar o sonho, então, pode ser entendido como a maneira que, dentro desta organização social, cultural e litúrgica, pode ser a forma que exemplifica a relação do sujeito pertencente ao candomblé em uma cosmologia particular.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Fernando Cesar de. **O imaginário onírico no campo religioso afro-brasileiro**. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

ARAÚJO, L. A. As marcas da diáspora negra na oralidade do candomblé baiano. **Revista de Estudos Linguísticos, Literários, Culturais e da Contemporaneidade**, Garanhuns, n. 18b – 03, p. 259-264, 2016.

BARROS, A. A. M.; AZEVEDO, V. A. M. Iyá Mi Oxorongá: olhares sagrados do feminino no candomblé. **Ethnoscintia** v.6 n. 2, especial, 2021. disponível em: <[10.22276/ethnoscintia.v6i2.396](https://doi.org/10.22276/ethnoscintia.v6i2.396)>. Acesso em: 14 de outubro de 2022.

BERNARDO, Teresinha. O Candomblé e o Poder Feminino. **Revista de Estudos da Religião**, n. 2, 2005. pp. 1-21. ISSN 1677-122. Disponível em: <[https://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/p\\_bernardo.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_bernardo.pdf)> . Acesso em: 14 de outubro de 2022.

FERREIRA, Flávio J. Fazendo gênero no candomblé: entre o feminismo internacional e a retórica salvacionista. Por um enunciado epistemológico desde os terreiros. **NORUS** – v4, n.5, jan - jul 2016.

FREUD, S. (1900). **A interpretação de sonhos**. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. 4, 1996.

JUNG, C. G., 1875-1961. **Seminários sobre análise de sonhos: notas do seminário dado em 1928-1930 por C. G. Jung**; William McGuire (org.); tradução de Caio Liudvik. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 3ª reimpressão, 2021.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ. 2002.

LAHIRE, B. **L'interprétation sociologique des rêves**. Paris: La Découverte, 2018.

LEITE, Luiz Felipe de Queiroga Aguiar. **Um estudo sobre os sonhos no candomblé**. Salvador, 2008.

\_\_\_\_\_. Algumas categorias para análise dos sonhos no candomblé. **Prelúdios**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 73-99, jul./dez. 2013.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente: significações do corpo negro**. 1ª ed. São Paulo : Perspectiva, 2021.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Religiões Afro-Brasileiras**. IPTV USP, 9 de ago de 2016. 1 vídeo, (18 min). Disponível em: <<https://iptv.usp.br/portal/video.action?idItem=33780>> Acesso em: 17 de outubro de 2022.

\_\_\_\_\_. Religião e identidade cultural negra: afro-brasileiros, católicos e evangélicos. **Afro-Ásia**, n. 56, p. 83-128, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/770/77055372003/html/>.

TEDLOCK, Barbara. The new anthropology of dreaming. **ASD Journal Dreaming**, v. 1, n. 2, 1991. Disponível em: <[www.asdreams.org/journal/articles/1-2tedlock1991.htm](http://www.asdreams.org/journal/articles/1-2tedlock1991.htm)>. Acesso em: 14 de outubro de 2022.

ZARIAS, Alexandre. A sociologia dos sonhos: jogos entre o passado e o presente para a interpretação das práticas sociais em Bernard Lahire. **Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad - RELACES**, n.28, v.10, Dezembro 2018- Março 2019. Córdoba. pp. 98-100. Disponível em: <http://www.relaces.com.ar/index.php/relaces/article/view/620>.



*A Bença, Vovô Zé Carlo e Dindinha Luzia  
por Bitta Bardo, 2025*